

# Songbook

Produzido por  
**Almir Chediak**

# NO DUEL ROSA

3



## Volume 1

- Noel: um gênio modernista *Almir Chediak* .....   
 O eterno jovem *Sérgio Cabral* .....   
 Entrevista: *Lindaura Rosa* .....

### MÚSICAS

- A.b.surdo .....   
 Ao meu amigo Edgar .....   
 Arranjei um fraseado .....   
 Cansei de pedir .....   
 Choro .....   
 Com que roupa? .....   
 Coração .....   
 Cordiais saudações .....   
 Dona Emília .....   
 Estamos esperando .....   
 Estrela da manhã .....   
 Felicidade .....   
 Fita amarela .....   
 Gago apaixonado .....   
 Já não posso mais .....   
 Julieta .....   
 Mas como, outra vez? .....   
 Mentir .....   
 Na Bahia .....   
 Não faz, amor .....   
 Não tem tradução .....   
 Nuvem que passou .....   
 Onde está a honestidade? .....   
 Para atender a pedido .....   
 Pela primeira vez .....   
 Por causa da hora .....   
 Positivismo .....   
 Primeiro amor .....   
 Quando o samba acabou .....   
 Quem não dança .....   
 Que se dane .....   
 Rapaz folgado .....   
 Riso de criança .....   
 Século do progresso .....   
 Silêncio de um minuto .....   
 Três apitos .....   
 Uma jura que fiz .....   
 Vai pra casa depressa .....   
 Vejo amanhecer .....   
 Você vai se quiser .....

- Songbook Noel Rosa em disco .....   
 Discografia .....

## Volume 2

- Noel: um gênio modernista *Almir Chediak* .....   
 O nome da rosa *Mathilda Kóvak* .....   
 Entrevista: *Dorival Caymmi* .....

### MÚSICAS

- Adeus .....   
 A-e-i-o-u .....   
 A melhor do planeta .....   
 Araruta .....   
 Até amanhã .....   
 Cidade mulher .....   
 Com mulher não quero mais nada .....   
 Cor de cinza .....   
 Dama do cabaré .....   
 De babado .....   
 Espera mais um ano .....   
 Estátua da paciência .....   
 Eu vou pra Vila .....   
 Festa no céu .....   
 João Ninguém .....   
 Malandro medroso .....   
 Meu barracão .....   
 Minha viola .....   
 Mulata fuzarqueira .....   
 Não digas .....   
 Nunca, jamais .....   
 O maior castigo que eu te dou .....   
 O orvalho vem caindo .....   
 Para me livrar do mal .....   
 Pastorinhas .....   
 Pela décima vez .....   
 Pra esquecer .....   
 Provei .....   
 Quantos beijos! .....   
 Que baixo! .....   
 Quem dá mais? .....   
 Retiro da saudade .....   
 Seja breve .....   
 Seu Jacinto .....   
 Só pode ser você .....   
 Triste cuíca .....   
 Último desejo .....   
 Vai haver barulho no chatô .....   
 Vitória .....   
 Você é um colosso .....

- Songbook Noel Rosa em disco .....   
 Discografia .....

# Volume 3

Noel: um gênio modernista <i>Almir Chediak</i> .....	6
A lira independente <i>Muniz Sodré</i> .....	8
Entrevistas: <i>Tom Jobim</i> .....	14
<i>João de Barro</i> .....	18

## MÚSICAS

Amor de parceria .....	23
Ando cismado .....	26
A razão dá-se a quem tem .....	29
Boa viagem .....	32
Cabrocha do Rocha .....	35
Capricho de rapaz solteiro .....	37
Cem mil réis .....	44
Conversa de botequim .....	40
Dona Araci .....	47
É preciso discutir .....	50
Esquina da vida .....	53
Eu sei sofrer .....	56
Feitiço da Vila .....	59
Feitio de oração .....	65
Filosofia .....	62
Fui louco .....	68
Mais um samba popular .....	71

Mão no remo .....	73
Meu sofrer .....	76
Mulato bamba .....	80
Não resta a menor dúvida .....	78
O que é que você fazia? .....	86
O 'x' do problema .....	83
Palpite infeliz .....	99
Picilone .....	93
Pierrô apaixonado .....	88
Pra que mentir? .....	90
Prato fundo .....	102
Prazer em conhecê-lo .....	96
Quem não quer sou eu .....	104
Quem ri melhor .....	107
Rir .....	110
Samba da boa vontade .....	118
São coisas nossas .....	113
Só pra contrariar .....	116
Tarzan (o filho do alfaiate) .....	122
Tipo zero .....	125
Você, por exemplo .....	128
Você só... mente .....	130
Voltaste .....	133
Songbook Noel Rosa em disco .....	137
Discografia .....	158

1991

■ Os *copyrights* das composições musicais inseridas neste álbum estão indicados no final de cada música.

□ Editor responsável:  
Almir Chediak

□ Coordenação editorial:  
Sônia Regina Cardoso

□ Projeto gráfico:  
Fernando Pena e Almir Chediak

□ Capa:  
Bruno Liberati

□ Diagramação e produção gráfica:  
Tonico Fernandes

□ Revisão de texto:  
Tereza Cardoso

□ Arte-final:  
Mussoline Alves

□ Confeção e revisão de partituras:  
Adano Prince, Fred Martins, Guilherme Mayah, Horondino Reis, Lúcio Duval e Ricardo Gilty

□ Supervisão musical:  
Ian Guest

□ Participaram da produção deste *Songbook*:  
Leticia Dobbin, Fátima Pereira dos Santos, Marília Mattos Cunha, Jacob Lopes e Leu Nogueira

□ Composição gráfica dos acordes e letras com cifras:  
Multiformas

□ Composição gráfica das partituras:  
Didado Azambuja e Edu Mello e Souza

□ Fotocomposição:  
Central Editora Gráfica Ltda.

■ Reprodução das fotos utilizadas:  
Adyr, Beti Niemeyer, Márcio RM, Ronaldo, Manhães, Campanella Neto e Brígida

■ Direitos de edição para o Brasil:  
Lumiar Editora. R. Elvira Machado, 15  
CEP. 22280. Rio de Janeiro  
Tel.: (021) 541-4045 e 295-8041

# Noel: um gênio moderno

**A** feitura deste *songbook* foi bem mais trabalhosa do que eu esperava. A começar pela definição do repertório, que a princípio seria de 80 canções, escolhidas por mim, com a ajuda do pesquisador Jairo Severiano e do jornalista Sérgio Cabral. Com o passar do tempo, e à medida que ia me aprofundando no estudo da obra de Noel, mais vontade tinha de acrescentar músicas ao repertório original, um desejo que foi ficando incontrolável: de 80 canções passou para 92, depois 102, 114 e acabou com 120 músicas, distribuídas em três volumes, com 40 canções cada. As músicas foram escritas a partir das gravações originais, sendo que boa parte cantada pelo próprio Noel ou por seus principais intérpretes, como Araci de Almeida, Francisco Alves, Almirante, Marília Batista, Mário Reis, Sílvio Caldas e Orlando Silva. Quase todas essas gravações me foram cedidas pelo pesquisador Jairo Severiano, um material riquíssimo que me poupou muito trabalho.

Na notação das músicas para este *songbook*, foram mantidas a melodia, o ritmo e as harmonias originais. Tais harmonias são genialmente bem feitas, ricas na condução dos baixos e na utilização dos acordes invertidos e diminutos. Possuem tamanha criatividade que muitas parecem definitivas, como por exemplo *Conversa de botequim* ou *Cem mil-réis*, harmonizadas por Vadico e tão bem acabadas que fica difícil criar uma nova harmonização com resultado semelhante.

Outro aspecto que marca este *songbook* é o fato de as músicas estarem representadas graficamente de forma diferente dos demais. A começar pela inclusão de textos que comentam cada música, escritos por Sérgio Cabral, que dão ao leitor informações precisas sobre cada canção. Outra inovação é a colocação da letra abaixo das notas. Isto se fez necessário porque nas canções em que uma parte da música é repetida com letra diferente, Noel tende a mudar o

ritmo ou mesmo a melodia. São pequenas modificações, mas que de alguma maneira teriam de ser anotadas, caso contrário o leitor não tocaria exatamente como Noel compôs.

Algumas canções são repetidas com novas harmonizações criadas por importantes compositores e intérpretes da nossa música. Mostrando, assim, um Noel revisitado – quase 60 anos depois de sua morte – numa releitura que vai de Tom Jobim a Eduardo Dusek.

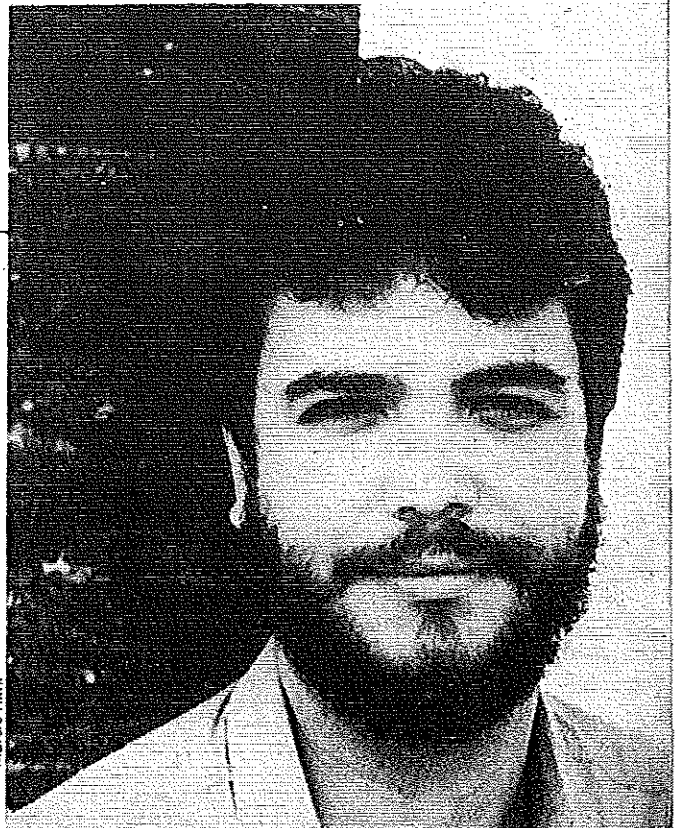
Noel foi o primeiro compositor modernista da música brasileira e continua sendo, hoje, tão moderno quanto muitos dos nossos compositores contemporâneos.

Agradeço à dona Ilka, viúva de Almirante, que me cedeu um material de pesquisa importantíssimo, passado ao Almirante por dona Marta, mãe de Noel, após sua morte, consistindo de fotos, recortes de jornais, letras de canções manuscritas por Noel,

slides, a bengalinha ganha aos nove anos de idade e o tinteiro em forma de automóvel. Agradeço, também, à Lindaura, viúva de Noel. Ao seu editor original, o maestro Estevão Mangione, por autorizar a publicação das canções. Ao jornalista Sérgio Cabral, pela ajuda na escolha do repertório, na edição dos textos, na pesquisa de fotos e discografia.

Enfim, agradeço a todos que colaboraram direta ou indiretamente para que este *songbook* se tornasse realidade.

**Almir Chediak**



Mário R.M.

# A lira independente

Arquivo Almirante

**P**ara quem admite a hipótese da reencarnação, esta outra seria bastante provável: Chico Buarque é Noel Rosa redivivo. Há quem a isso objete, entretanto. Estes dirão que a singularidade de Noel é de tal ordem que se torna necessário 'reencontrá-lo' em outros compositores contemporâneos para que, dos termos da comparação, alguma luz se faça sobre a dinâmica criativa do "poeta da Vila".

Com Chico Buarque, há de fato muita coisa em comum. Para começar, raros são os brasileiros que não terão ouvido falar de Chico ou de Noel. Raro também é o pesquisador ou crítico de música popular deixar de arriscar associações entre um e outro.

Subjaz a essas referências um lirismo todo especial. Lírico, sabe-se, é o texto em que o 'eu' — a manifestação de uma subjetividade — exprime estados de alma, faz cantar a sensibilidade. O afetivo e o íntimo aliam-se para desobjetivar o mundo, quer dizer, torná-lo menos definido, mais fluido, mais permeável à ambivalência do sujeito humano.

No lírico, é a alma que promove a fusão do sujeito com o objeto, do passado com o futuro. 'Recordação' já foi apontada como palavra-chave do lirismo, no sentido radical de devolver as coisas ao mundo interno e externo.

## Com Noel define-se a cor brasileira da vida na cidade

Na letra e música de Chico Buarque, em sua canção, o 'eu' lírico afirma-se, não pela mera expressão sentimentalista de uma alma individual, mas pela identificação com um espaço social, onde a existência se reorganiza pela poesia — o *samba*, para ele. Samba é aí a metáfora de saída da angústia gerada por um *socius* e um cotidiano sem plenitude existencial. Neste movimento criativo, há seriedade crítica, elaboração lingüística e busca de uma tensão poética, que conferem uma certa intransitividade ao texto de Chico, mas ao mesmo tempo o colocam no lugar próprio aos líricos da boa estirpe modernista.

Com 'intransitivo' queremos designar um 'falar sobre' o mundo: a moça triste na janela, o sabiá, o operário que cai na



Noel posa para *A Noite*, em 11/06/37. Seria sua última foto.

contramão atrapalhando o tráfego são construções de uma subjetividade e não vivências ou con-vivências externas. Neste processo, são interlocutores de Chico tanto o homem comum quanto a própria poesia enquanto projeto de reflexão sobre o mundo.

Noel Rosa, ao contrário, é bastante 'transitivo', ou seja, fala a partir de uma vivência num certo cotidiano (não fala 'sobre'), fala o mundo, como o trabalhador quando se refere à operação de trabalho. Por outro lado, sua veia lírica é formalmente mais romântica do que moderna, no sentido de que o espaço externo (a cidade, com suas dores e alegrias) achase objetivamente estruturada, e o poeta-compositor pode sentir-se à vontade para assumir os significados correntes.

Nesses significados é que transparece o cunho modernista de Noel — as indicações quanto à especificidade brasileira da vida na cidade. De fato, a composição noelina expressa de modo marcante aspectos da ligação entre a atmosfera afetiva da integração de grupos sociais diversificados no espaço da cidade e o senti-

mento lírico. Ela ajuda a fazer trânsito do *ethos* negro para a classe média, acolhendo desta maneira a ideologia do populismo nacionalista, ascendente em sua época, a da Primeira República.

Vale a pena lembrar que Noel Rosa nasceu pouco mais de uma década depois da proclamação da República no Brasil. Tratou-se de ato do Exército, não do povo. Este assistiu a tudo 'bestializado' (na expressão de Aristides Lobo), acreditando que se tratava de uma parada militar. Nas décadas seguintes, sob a égide do lema positivista 'ordem e progresso' e de uma Constituição liberal, mas controlado de fato por oligarquias estaduais, o regime republicano mostrou a sua face excludente. Facilitavam-se os negócios das empresas nacionais e estrangeiras, dificultavam-se as condições de vida e de trabalho. Em suma, o povo ficava de fora, 'bestializado'.

As canções de Noel não fazem referência direta à ordem político-econômica vigente, a não ser quando incorporam, a título de significados correntes, em geral com filigranas irônicas, moti-

M<sup>me</sup> Genoveva apita.  
 Diogo levanta com o gallo e  
 corre vertiginosamente... mas,  
 ao virar a esquina, é atropelado  
 por uma sacocinha de leite.  
 M<sup>me</sup> Genoveva, que vem correndo  
 de camisola, effectua a prisão  
 de Diogo. Chega o Commissario, que  
 leva ambos para o Districto.  
 M<sup>me</sup> Genoveva diz que o ladrão da  
 gallinha é namorado de sua  
 cozineira. O Commissario  
 intimou M<sup>me</sup> Genoveva a voltar  
 no dia seguinte com a cozineira  
 Josephina. O Commissario sentou  
 Diogo a macha de novo mas não

## Resumo do 2.<sup>o</sup> ACTO:

A scena se passa no Districto em  
 o Commissario, M<sup>me</sup> Genoveva,  
 Diogo e Josephina.  
 M<sup>me</sup> Genoveva accusa Diogo, can

vos temáticos da época. Tome-se *Positivismo* como exemplo. A doutrina comtiana é aí posta à distância desde o verso inicial — “A verdade, meu amor, mora num poço” — até aquele que manda o “coração que não vibra” transformar “mais outra libra em dívida flutuante”. Na lírica noelina, a ideologia patrona do Exército e da República só tem mesmo lugar como mote gozador.

## Noel pontificava entre os boêmios e seresteiros da Vila

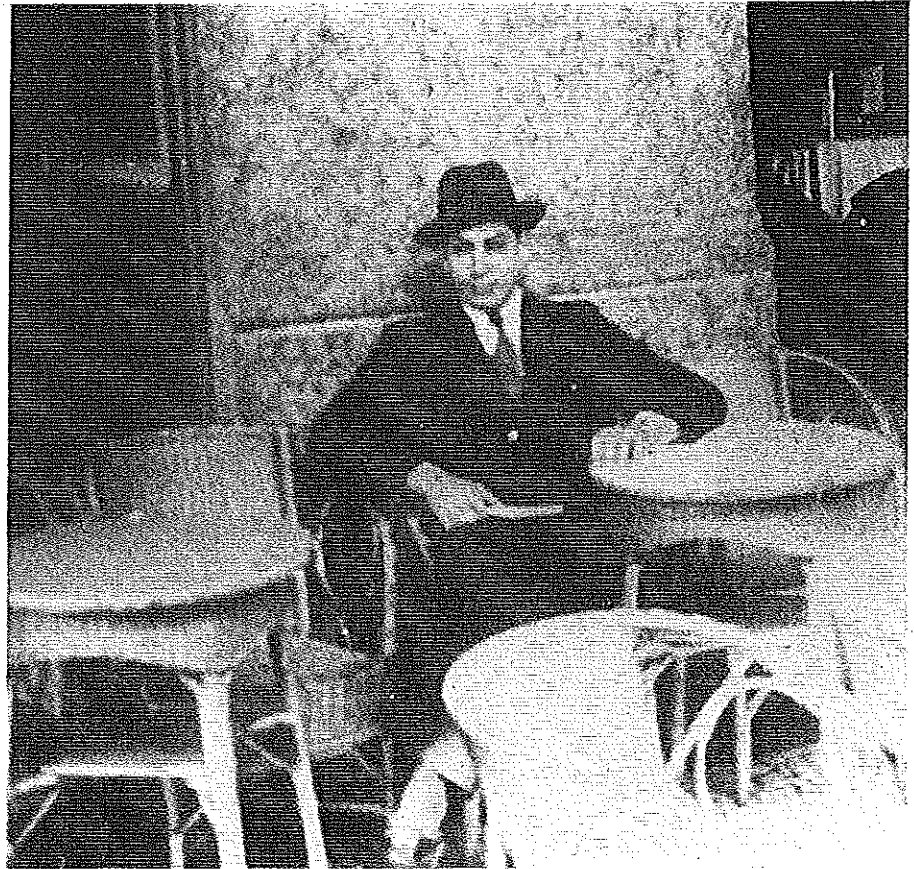
Quanto mais se ouvem as canções de Noel, mais evidente se torna que o compositor da Vila não apostava em nada do *status-quo*; que ele tinha plena consciência da distância do povo com relação à ordem oficial das coisas. Isto transparece numa lírica vazada entre o irônico e o divertido, capaz de fazer compreender que mesmo a pretensa autoridade, o pequeno representante do poder é tão desabrigado quanto o cidadão comum: “Meu cortinado é o vasto céu anil/E o despertador é o guarda civil/Que o salário ainda não viu!” (*O orvalho vem caindo*).

Mas o tom pode às vezes mudar para o corrosivo, como no caso do horário de verão: “Com o adiantamento de uma hora/Como vou pagar agora/Tudo o que comprei a prazo/Se ando com um mês de atraso?/Eu que sempre dormi durante o dia/Ganhei mais uma hora pra descanso/Agradeço ao avanço/De uma hora no ponteiro/Viva o dia brasileiro!” (*Por causa da hora*).

O que realmente mobilizava o compositor era a cidade enquanto comunidade, metaforizada no bairro, com destaque para Vila Isabel. Este bairro é o espaço externo de articulação do sentido lírico atribuído por Noel às relações humanas, à festa, ao samba. É um espaço cultural, de resistência, uma ‘cidade independente’, como ele define em *Palpite infeliz*.

A que se resistia? Ao atordoamento inicial das inovações, mas também ao domínio colonial interno. Assim, frente às duas principais oligarquias da República, podia-se cantar: “São Paulo dá café/Minas dá leite/E a Vila Isabel dá samba” (*Fetição da Vila*).

Em última análise, a resistência visava mesmo tudo aquilo que ameaçava a Cidade de perda da urbanidade tradicional: a transformação de seu centro por reformas modernizadoras, mas autoritárias; a dispersão da comunidade dos bairros por pressão das migrações internas; a



Almirante, no Café Nice, Rio.

coerção no interior das fábricas e empresas, onde os empregados podiam ser demitidos verbalmente, sem qualquer tipo de indenização.

A ‘recordação’ lírica incide sobre essa Cidade-Bairro evanescente. Por isso, Noel reage, lírico-romanticamente, ao açamento de algumas das transformações trazidas pela modernização. O cinema falado e o rádio poderiam estar começando a funcionar, já no final dos anos 20, como fatores de unidade nacional (na medida em que a Nação acabava se reconhecendo nas catarses comuns); mas o compositor enxergava as inovações do ponto de vista do bairro, da cidade comunitária, onde “o samba não tem tradução no idioma francês” (*Não tem tradução*).

Ao lado do samba, Vila Isabel era o eixo semiótico das narrativas líricas — minicrônicas, em muitos casos — sobre o modo de existência brasileiro-carioca. Não era, porém, simples produto imaginativo do compositor, nem mero campo de referências lingüísticas para formas puras, destituídas de um significado viável, como pode acontecer numa elaboração poética.

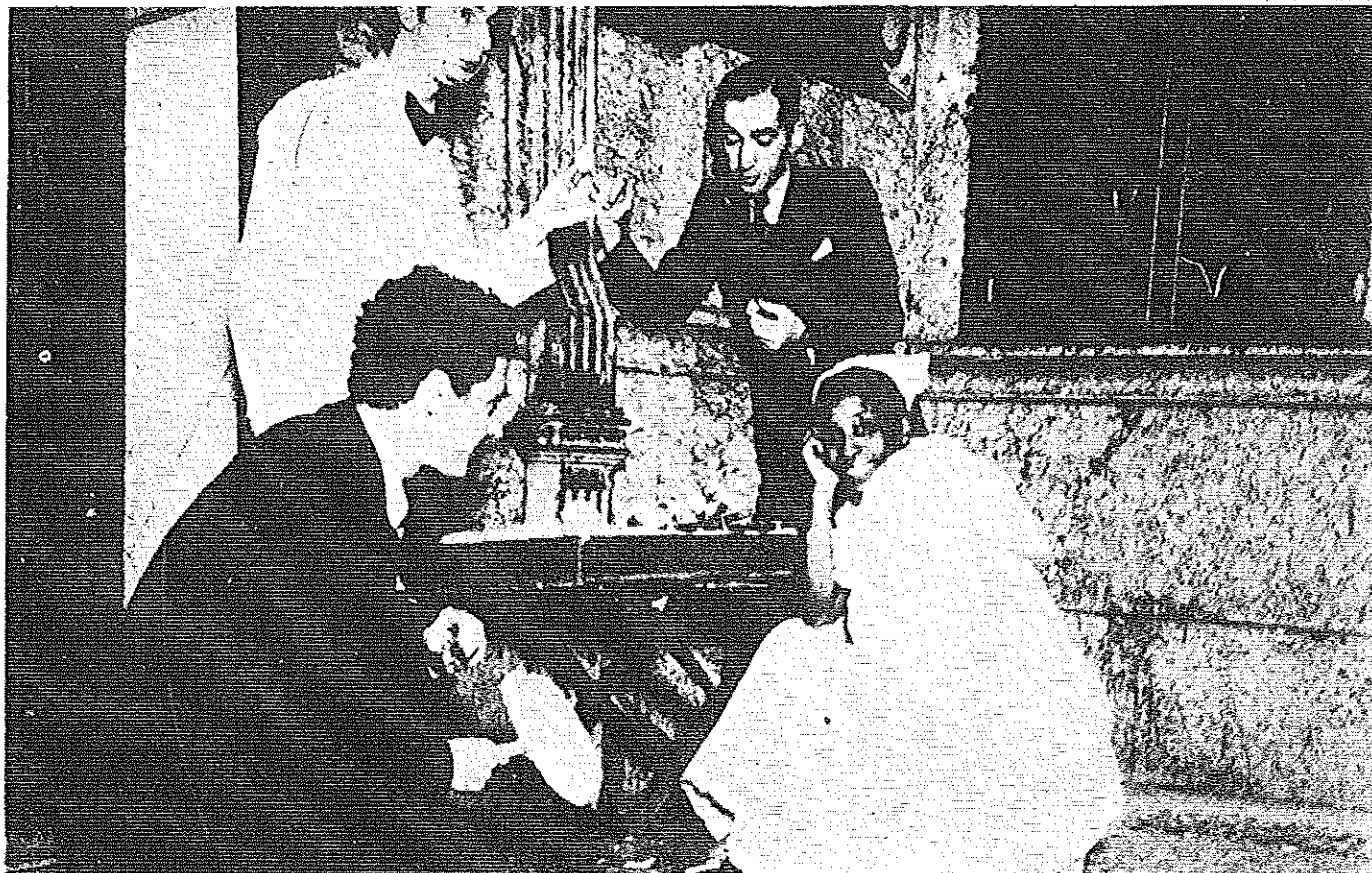
A Vila era um espaço concreto, histórico, de trabalho, festa e boemia. A rua 28 de Setembro, sua principal artéria, era

um lugar repleto de bares animados e de passeios noturnos significativos. No Carnaval, ali havia batalhas de confete e desfiles de escolas de samba. Aos domingos, entre as seis e oito horas da noite, passeavam habitualmente as filhas de famílias, moças ‘presas’, de braços dados umas com as outras. Tarde da noite, os bares e as calçadas acolhiam os boêmios, os seresteiros, dentre os quais pontificava Noel Rosa.

Noel freqüentava os redutos boêmios do centro da cidade, como o famoso Café Nice, mas estava sempre presente nos lugares marcantes da Vila. Na rua Maxwell, perto da fábrica de tecidos Confiança, ficava o colégio de sua mãe, dona Marta. Nesse ambiente de classe média, conheceu Lindaura, que tinha apenas treze anos de idade quando se casou com Noel. Já na rua Souza Franco — onde ficava o bar O Ponto Cem Réis — e na Praça Sete, o compositor tocava com freqüência violão.

O “poeta da Vila” não falava, portanto *sobre* a festa: ele fazia e incentivava ‘fuzarcas’ (nesses sentido, teve continuadores em personagens típicos do bairro). Movia-o tanto a força da alegria — “O mundo é um samba que eu danço” — quanto a forte inclinação para o sexo





Flagrante de Noel nas noites do Rio. Na Praça da Candelária, juntamente com Custódio Mesquita, William Faissal e uma "baiana".

oposto, regulada por destino: "De ti, gosto mais que outra qualquer / Não vou por gosto / O destino é quem quer..." (*Até amanhã*).

Ainda em vida, ele foi chamado de 'filósofo do samba'. Na verdade, reivindicava a 'filosofia' (entendida pelo senso comum) como uma atitude para a convivência com o regime de exclusão do povo e com o liberalismo político que não passava de uma paródia da democracia representativa: "Mas a filosofia/Hoje me auxilia/A viver indiferente/Assim..." (*Filosofia*).

### **A realidade atravessada pela força lírica dos pequenos fatos**

Será mais apropriado, entretanto, vê-lo como um cronista — com pensamento próprio — do Rio e seus bairros. Estes ainda mantinham uma singularidade cultural não sufocada pela homogeneidade urbana, de modo que as características de um lugar podiam ser vistas como irrepetíveis em outro: "Você pode crer/ Palmeira do mangue/Não nasce na areia/ De Copacabana" (*O 'x' do problema*).

Ou então podiam dar saudade: "Não há quem tenha/Mais saudade lá da Penha/ Do que eu — juro que não..." (*Meu barracão*). Quanto à cidade como um todo, era sentida como "notável, inimitável, maior e mais bela que outra qualquer", algo a que "ninguém resiste", porque era "Cidade do amor, cidade mulher" (*Cidade de mulher*).

Cronista, sim, que fazia a realidade social ser atravessada pela força lírica dos pequenos acontecimentos. Muitas vezes, eram situações instantâneas, simples flagrantes do cotidiano que instauravam o lirismo da narrativa: "Seu garçom, faça o favor/De me trazer depressa/ Uma boa média/Que não seja requentada..." (*Conversa de botequim*). Noutras, o assunto socialmente delicado podia ser abordado graças a uma verve incomparável: "As morenas do lugar/Vivem a se lamentar/Por saber que ele não quer/ Se apaixonar por mulher..." (*Mulato bamba*).

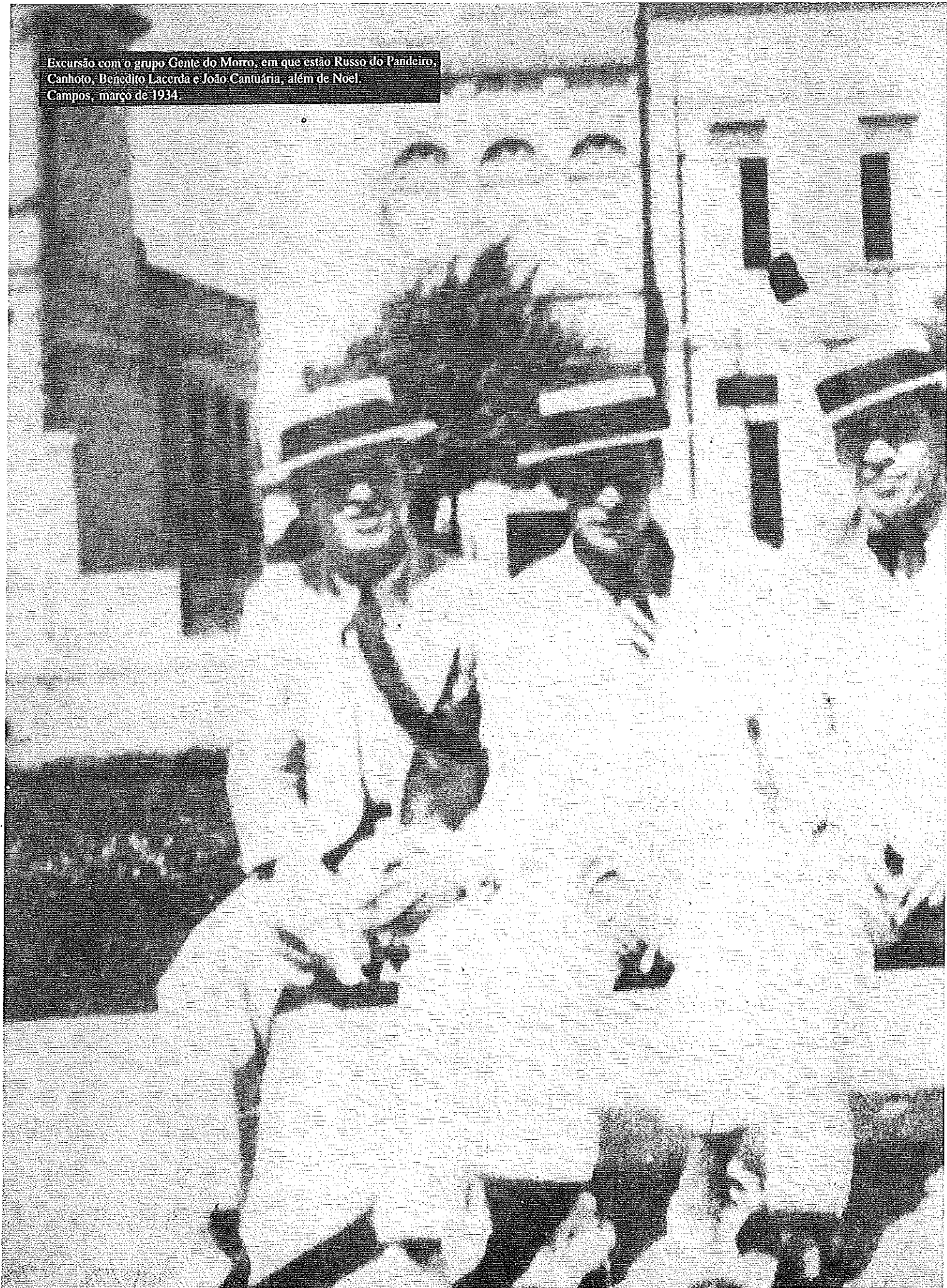
No alto de tudo isso, reinava o samba, entidade ao mesmo tempo mítica e real-histórica para Noel. Sabe-se que no século dezenove ainda se falava no Rio de uma figura mística entronizada pelos negros com o nome de 'Sinhá Samba'. Mesmo que a ela não fizesse referência —

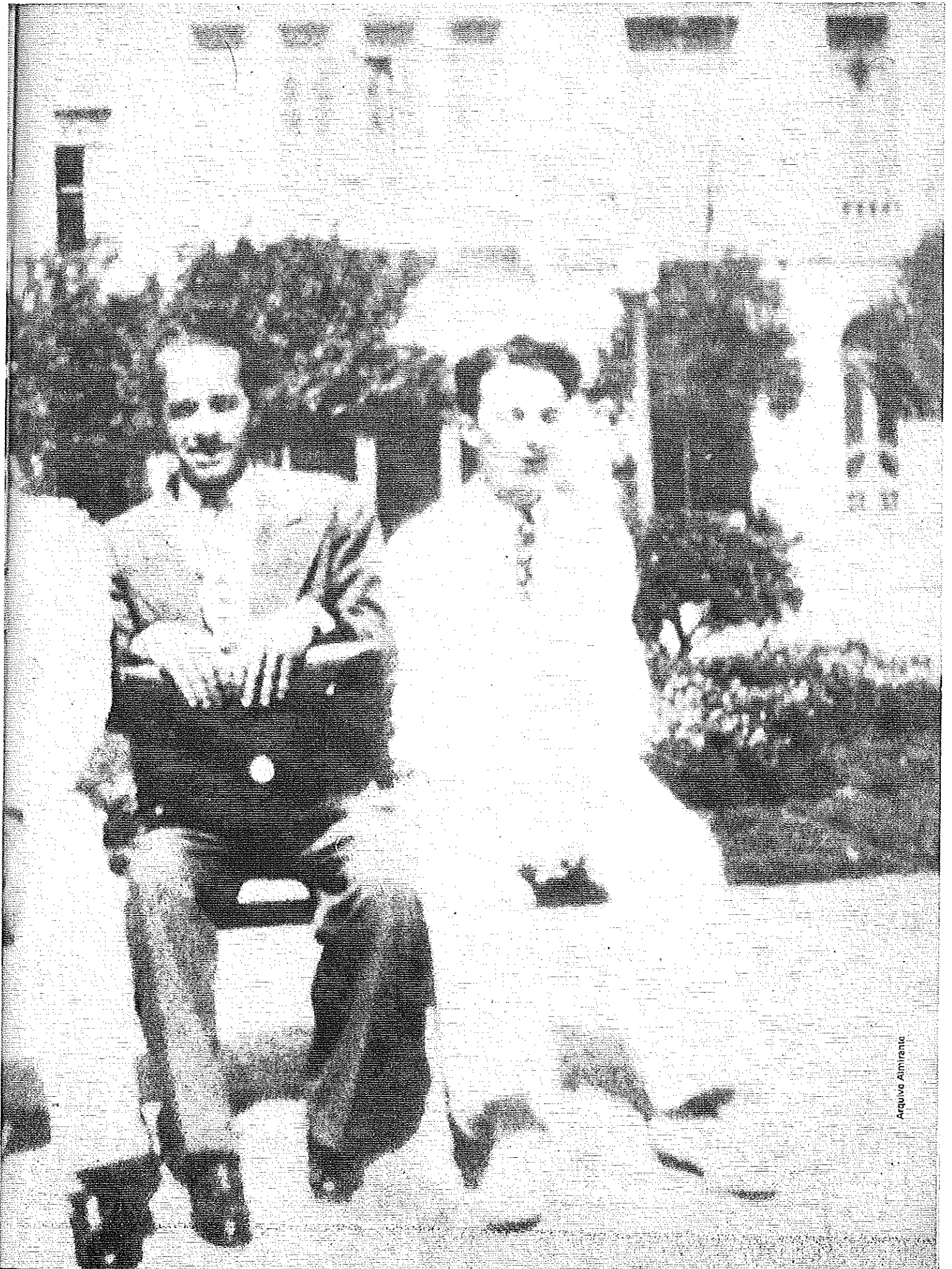
afinal, já se havia entrado no 'século do progresso' —, Noel parecia cultuá-la na prática, na medida em que fazia do samba um modo de compreensão e redimensionamento da existência. Ele sabia que "bataque é um privilégio", que "sambar é chorar de alegria/É sorrir de nostalgia" e que o samba, por "nascer no coração" podia ser cantado como se o compositor estivesse rezando (*Feitio de oração*).

Noel Rosa é contemporâneo, moderno, atual. Seria difícil revê-lo por 'reencarnação', porque ele é absolutamente singular. Mas nessa linha hipotética, pode-se pensar (por que não?), à maneira dos cultos negros, em 'santo baixado'. O poeta da Vila pertence, hoje, à estirpe dos ancestrais da vida poética da cidade e, como os ancestrais nos cultos cariocas, é muito bem capaz de 'baixar' em certos momentos do transe de inspiração dos sambistas nacionais. Assim, Noel está em Chico, Caetano, Gil, João Nogueira, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, Cartola e tantos outros poetas do povo e da Nação. Noel Rosa é raiz e fonte de brasilidade.

*Muniz Sodré*

Excursão com o grupo Gente do Morro, em que estão Russo do Pandeiro, Canhoto, Benedito Lacerda e João Cantuária, além de Noel Campos, março de 1934.





# Entrevista | Tom Jobim

Arquivo Almirante

**U**ma das facetas menos focalizadas de Antonio Carlos Jobim é o seu conhecimento da música popular brasileira. Poucos compositores dominam tanto a obra de Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Ary Barroso, Garoto, Custódio Mesquita, e outros, quanto esse autor de uma obra que fez dele o mais famoso nome da música popular brasileira em todo o mundo. Um dos seus passatempos prediletos é proporcionar aos amigos que o visitam um desfile de músicas, por exemplo, de Nelson Cavaquinho, ao piano.

Aqui, ele fala de um dos seus compositores prediletos, Noel Rosa. E fala com a autoridade de quem conhece a obra noeliana em todos os seus aspectos, inclusive abordando, pela primeira vez, algumas características musicais próprias do grande compositor.

## A música, uma arte crônica O acorde, uma pintura

ALMIR CHEDIAK — *Qual é a sua opinião sobre Noel Rosa?*

TOM JOBIM — É um gênio. Uma pessoa extraordinária para a época. O que ele já sabia, para o seu tempo, era uma coisa extraordinária.

ALMIR — *E tudo isso em tão pouco tempo de vida.*

TOM — É verdade. Um homem que morreu com 26 anos de idade, deixando uma obra tão extensa.

ALMIR — *Foram 230 produções. E cada letra maravilhosa!*

TOM — E, muitas vezes, as melodias também são incríveis. As melodias do Vadico também são ótimas. Noel é um cara formidável, um cara que marcou a minha vida, determinou minha paixão pela música brasileira. Quando vejo você tocando, com essas inversões, me lembro do Noel e do Chico.

ALMIR — *O Chico talvez seja o compositor que mais se aproxima de Noel.*

TOM — Pelo estilo. Um cara que fala das coisas que existem mesmo. Ele fala do botequim, da Maria, da cachaça, do povo. Uma coisa muito brasileira, muito autêntica. *Com que roupa?*, por exemplo: essas inversões no violão, a sétima no baixo, depois a terça no baixo,



Noel Rosa em 1937.

sétima no baixo, resolvendo pra terça no baixo... e vai por aí. Um negócio muito bom.

ALMIR — *Você vê que, naquela época, não se trabalhava com dissonâncias, como se trabalhou, principalmente, a partir de suas músicas, das músicas de Johnny Alf etc. Mas eles faziam umas harmonias muito bonitas. Tinham uma coerência.*

TOM — Era uma música mais horizontal. Hoje em dia, é mais vertical. O Bach é mais horizontal, o Debussy é mais vertical. Quer dizer: o Bach não está preocupado com o acorde; está preocupado com o passado, presente e futuro. Stravinsky, muitas vezes, está mais preocupado com a verticalidade, com o aqui-agora. A música, como diz Stravinsky, é uma arte crônica. Para

você ter uma melódia, tem que ter passado, presente e futuro. Agora, para tocar um acorde, é instantâneo. É como uma pintura. Para compor uma canção, precisa de tempo, você tem que ter *cronicidade*. É por isso que muitas vezes o plim-plim da televisão não resolve o problema musical, porque você faz *tchá* — e isso ainda não é música. É o tal negócio. Como dizia Stravinsky, o piar dos pássaros ainda não é música, porque a música precisa de uma *cronicidade*. Você anda no tempo e, conforme o tempo vai passando... É o que acontece com Bach, Chopin, com Brahms. Depois, vêm as coisas mais verticais. Evidentemente que Debussy tem também passado, presente e futuro, mas ele também tem esse lado vertical, que não preocupava Bach, nem preocupava

Violoncello

A Noiva do Condutor

Revista de Noel Rosa

Arnold Gluckmann

1<sup>o</sup> Acto

I Preludio

The musical score is written on ten staves. It begins with the tempo marking 'Grandioso' and a key signature of one flat. The notation includes various rhythmic values, dynamic markings such as *ff*, *mp*, and *ff*, and articulation marks like accents and slurs. The piece concludes with the instruction 'Segue' written in a large, stylized script.

*largamente e con tutta forza*

*Segue*



Autocaricatura de Noel. Carioca, 08/05/37.

# Entrevista | João de Barro

Arquivo Almirante

**C**arlos Alberto Ferreira Braga (29-03-1907), carioca e filho de industrial, pensava em estudar Arquitetura. Mas o talento e as circunstâncias o levaram para a música popular brasileira e ele resolveu adotar o nome de João de Barro. Pelos amigos, porém, foi sempre chamado de Braguinha (pela família, de Carlinhos). Um recordista de nomes, sem dúvida. E não só de nomes. É o compositor há mais tempo em atividade, o autor que mais contribuiu para a música carnavalesca e, provavelmente, o que mais teve músicas gravadas em disco.

Conheceu Noel Rosa na juventude, em Vila Isabel, e foi seu companheiro no Bando de Tangarás, um conjunto de grande sucesso, de 1929 a 1933. Além de compositor e cantor, Braguinha exerceu várias outras atividades artísticas, como a de roteirista de cinema, dublador e diretor artístico de gravadora, atividade, por sinal, que o ajudou a lançar inúmeros nomes importantes da nossa música.

**ALMIR CHEDIAK** — *Braguinha, você é o último remanescente do Bando de Tangarás. Você era o cantor do conjunto?*

**JOÃO DE BARRO** — Não, não, eu só cantarolava. Não sou cantor, nem nunca fui cantor. Tocava um violão no grupo, ainda assim, muito mal.

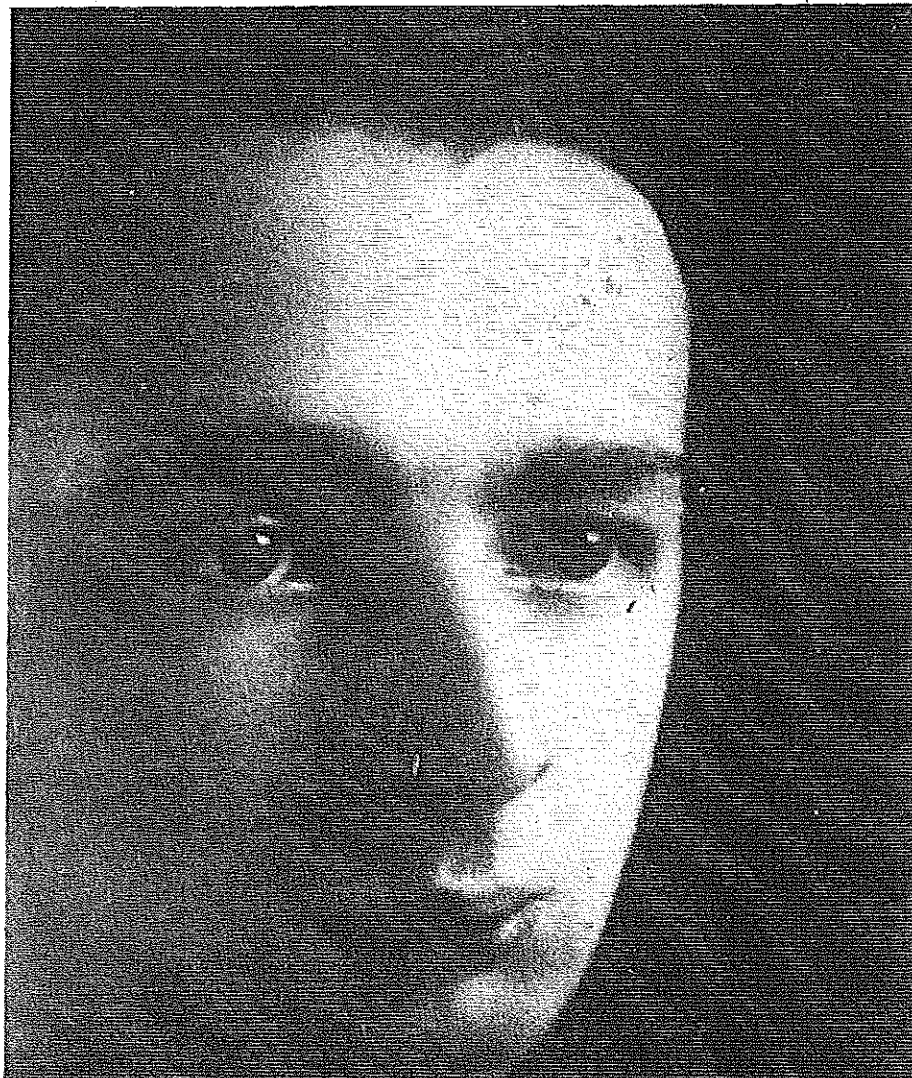
**ALMIR** — *E como você conheceu Noel Rosa?*

## Andávamos por aí, cantando e fazendo serenatas

**JOÃO DE BARRO** — Conheci o Noel em Vila Isabel. Eu morava na Rua Souza Franco, dentro da fábrica de tecidos, da qual meu pai foi diretor. Já o Noel morava na Rua Teodoro da Silva. A mãe dele, Dona Marta, era professora das crianças do bairro e deu aulas para minhas duas irmãs. Acabei conhecendo Noel, em Vila Isabel mesmo, e tivemos uma grande amizade. Fizemos algumas músicas juntos, de parceria, e uma delas — *Pastorinhas* — é um grande sucesso e está aí até hoje.

**ALMIR** — *Como era a vida de vocês? Saliam pelos bares, bebendo e cantando, quem era mais boêmio entre vocês?*

**JOÃO DE BARRO** — O Noel era muito



Noel em 1931.

mais boêmio do que eu, mas freqüentamos os bares juntos, sim, principalmente, em Vila Isabel.

**ALMIR** — *Aí, vocês criaram o Bando de Tangarás...*

**JOÃO DE BARRO** — ...muita gente diz Bando *dos* Tangarás, mas está errado. O certo é mesmo como você falou: Bando *de* Tangarás. Não é *dos*, é *de*. Éramos eu, o Noel, o Almirante, o Alvinho e o Henrique Brito. Almirante era o cantor do grupo e o responsável pelo ritmo. Tocava pandeiro muito bem. Henrique Brito era um violonista maravilhoso. Dos melhores que conheci em toda a minha vida. Uma pena que ele tenha morrido muito cedo. Noel também tocava violão e eu arranhava. Andávamos por aí, cantando, fazendo serenatas, nos apresentando nos clubes e

nas festas. A partir de 1929, gravamos vários discos.

**ALMIR** — *E o Noel, como ele era?*

**JOÃO DE BARRO** — Acontece que o Noel era muito boêmio e não dava importância para dinheiro. Tudo o que

## Às vezes, Noel empenhava o violão

recebia gastava logo. Quando estava muito necessitado, empenhava o próprio violão. Aí, apelava pra mim, pegando o meu violão emprestado, durante vários dias. Quando conseguia 'desempenhar' o violão, devolvia o meu e a vida continuava. A gente se gostava muito.

**ALMIR** — *O Bando de Tangarás era um grupo profissional?*

**JOÃO DE BARRO** — Não, éramos



Noel Rosa posa para a revista *Voz do Rádio*, em 11/04/35.





O Bando de Tangará está todinho nesta foto que, também, registra alguns agregados ao grupo. Estavam todos no estúdio da Parlophon, em 1930 e aparecem Sérgio Brito, Daniel Simões, Abelardo Braga, Noel Rosa, Luperce Miranda, Almirante, Manuel Lino e João de Barro.

amadores. Fazíamos aquelas apresentações nos clubes, mas sem ganhar nada, nenhum tostão. Cantávamos também em casas de família, nos dias de festa. Tante que o primeiro convite que a gente recebeu para fazer *shows* profissionais no cinema, só o Almirante e o Noel Rosa é que foram. Naquela época, os cinemas apresentavam *shows*, antes de exibir os filmes em cartaz. Almirante e Noel aceitavam o profissionalismo, mas eu, não. Éramos profissionais no disco, isso sim. Gravávamos e ganhávamos das gravadoras.

**ALMIR** – *Era um Rio de Janeiro diferente. O Rio dos bondes.*

**JOÃO DE BARRO** – O bonde foi um fator de aglutinação muito importante. sabia? Os artistas daquele tempo,

principalmente os compositores, se reuniam justamente no Café Nice, que ficava ali perto de onde era a Galeria Cruzeiro – hoje, Edifício Avenida Central – ponto final de várias linhas de bonde. O pessoal chegava de bonde e ia para o Café Nice, para conversar, quase sempre, sobre música.

### **As canções de Noel estão aí até hoje, são imortais**

**ALMIR** – *Com 84 anos, você conheceu muitas fases da vida do Rio de Janeiro. Qual o seu segredo para continuar firme, compondo, produzindo, vivendo?*

**JOÃO DE BARRO** – O segredo de viver

muito e conservar a vida é o seguinte: se encontrares uma pedra em teu caminho, e ela for pequenininha, chuta. Se for grande, senta nela e descansa. Eu, por exemplo, estou sentado na pedra, vendo a banda passar. Não quero que nada me aborreça.

**ALMIR** – *E casado com a mesma mulher.*

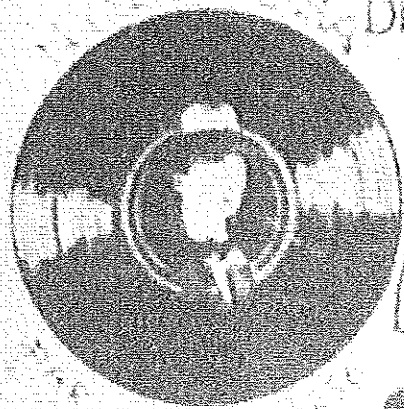
**JOÃO DE BARRO** – Há 54 anos. Somos ainda namorados.

**ALMIR** – *Voltando ao Noel, como é que você se sente sabendo que as músicas dele estão por aí até hoje?*

**JOÃO DE BARRO** – Ele não está entre nós para fazer a propaganda das músicas. No entanto, elas chegaram até aqui. São imortais. Noel Rosa morreu muito jovem, o que é uma pena, pois poderia ter feito ainda mais.

DEDICADO AO "CENTRO ARTÍSTICO REGIONAL"

REPERTÓRIO DO "BANDO DE TANGARÁS"



# EU VOU P'RA VILA

SAMBA

DE NOEL ROSA



Capa da partitura de *Eu vou para Vila*, com alguns dos personagens mais característicos da obra de Noel Rosa

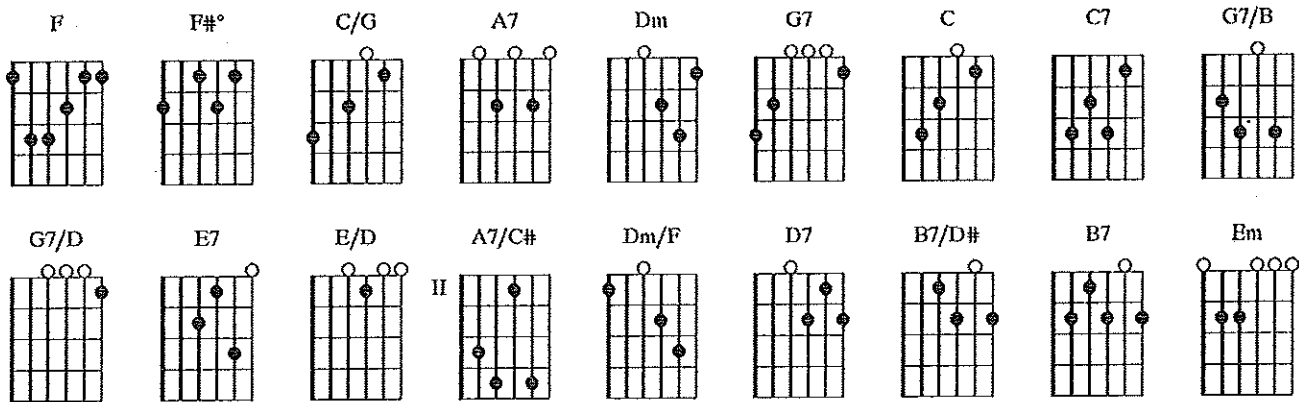
# Amor de parceria

NOEL ROSA

Embora lançada com pretensões de compor o suplemento da Victor do carnaval de 1936, Amor de parceria não tinha nada para ser cantado no carnaval. O próprio rótulo do disco original classifica-o como um "samba-choro" e Noel Rosa, em entrevista à publicação Voz do Rádio, revelou que pretendia entregar a música à dupla Joel e Gaúcho, especialista na interpretação do chamado samba-choro. Foi uma das músicas compostas por Noel durante a sua estada em Belo Horizonte, entre dezembro de 1934 e maio de 1935.

Primeira gravação lançada em setembro de 1935, por Araci de Almeida, em discos Victor.

(Esta, e as demais notas, são de Sérgio Cabral)



Introdução: F F#° C/G A7 Dm G7 C C7 F F#° C/G A7 Dm G7/B C /

Saiba primeiro que fulana é minha amiga E comigo ela não briga Com ciúme de você Você provoca  
 briga entre rivais Para depois ver nos jornais Seu nome e seu clichê Há muito tempo minha amiga me avisava  
 Que ela sempre conversava Com você no seu jardim E começou a nossa parceria Eu fui por ela e  
 ela foi por mim Você pensou que fomos enga—nadas Marcando encontro em horas alter—nadas E  
 nós fizemos a sua vontade Dentro daquela escrita Eu e ela não tivemos prejuízo na socie—dade Quando  
 você se atrasava uma hora Eu fingia não saber A razão dessa demora E muita vez você perdeu a  
 fala Quando estava sem tostão E eu pedia bala Nós aturamos os seus modos irritantes Mas filamos bons jantares  
 Nos melhores restaurantes Você não sai do nosso pensamento Vo—cê foi negócio e foi divertimento

AMOR DE PARCERIA

intro

F F#° C/G A7 Dm G7 C C7

F F#° C/G A7 Dm G7/B C

voz

Sai - ba pri -

G7/D G7/B C

mei - ro que fu - la - na\_é mi - nha\_a - mi - ga E co - mi - go\_e - la não  
 tem - po mi - nha\_a - mi - ga me\_a - vi - sa - va Que\_e - la sem - pre con - ver -  
 cê se a - tra - sa - va mei - a ho - ra Eu fin - gi - a não sa -  
 ra - mos os seus mo - dos ir - ri - tan - tes Mas fi - la - mos bons jan -

E7 E/D A7/C# A7 Dm/F F#°

bri - ga Com ci - ú - me de vo - cê Vo - cê pro - vo - ca bri - ga\_en - tre ri - vais  
 sa - va Com vo - cê no seu jar - dim E co - me - çou a nos - sa par - ce - ri -  
 ber A ra - zão des - sa de - mo - ra E mui - ta vez vo - cê per - deu\_a fa - la  
 ta - res Nos me - lho - res res - tau - rantes Vo - cê não sai do nos - so pen - sa - men -

1 C/G A7 D7 G7 C

Pa - ra de - pois ver nos jor - nais Seu no - me\_e seu cli - chê Há mui - to  
 Quando es - ta - va sem tos - tão E eu pe - di - a bala! Nós a - tu -

2 C/G A7 D7 G7 C

a Eu fui por e - la, e - la foi por mim Vo - cê pen -  
 to Vo - cê foi ne - gó - cio\_e foi di - ver - tí - men - to

Fim

G7/D                      G7/B                      C                                      E7                                      E/D

sou que fo - mos en - ga - na - das    Mar - can - do en - con - tro em ho - ras    al - ter - na -

A7/C#                      A7                                      A7/C#                      A7                                      Dm/F

das                      E nós fi - ze - mos a su - a von - ta - de    Den - tro da -

B7/D#                      B7                                      Em                                      A7                                      D7                                      G7

que - la es - cri - ta    Eu e e - la não ti - ve - mos pre - ju - í - zo na so - ci - e - da -

C

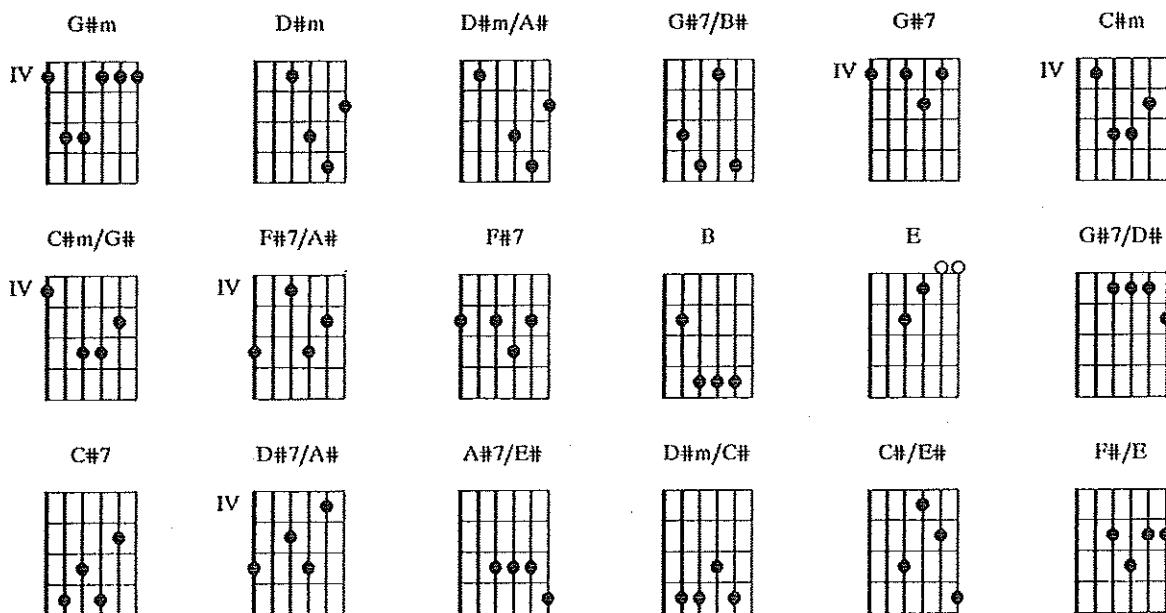
de                      Quan - do vo -

Ao e Fim

# Ando cismado

NOEL ROSA E ISMAEL SILVA

*Era um dos sambas preferidos por Ismael Silva (1905-1978), parceiro de Noel. É também um dos poucos sambas em que a dupla Noel Rosa-Ismael Silva conseguiu libertar-se da obrigação de incluir o nome do cantor Francisco Alves como um dos autores da música, com base num acordo feito desde 1928, quando Ismael vendeu ao cantor, por cem mil réis, o samba Me faz carinhos. O acordo foi feito, inicialmente, com os sambas de Ismael e Nilton Bastos e, depois, com a obra da dupla Ismael-Noel. Primeira gravação lançada em outubro de 1932, por Francisco Alves, em discos Odeon.*



G#m / / / D#m D#m/A# G#7/B# G#7 C#m C#m/G# F#7/A# F#7 B / /

/ / / / / D#m / / / E / / / / / G#7/D# / G#7 / C#m / F#7 /  
 Mulher, eu ando cisma—do Que me enganei com você Se algum dia não ficar mais a

G#7 / / / C#7 / F#7 / B / / / / / D#m / / / E / / / / /  
 seu lado Não precisa perguntar por quê Mulher, eu ando cisma—do Que me enganei com

G#7/D# / G#7 / C#m / F#7 / G#7 / / / C#7 / F#7 / B / / D#7/A#  
 você Se algum dia não ficar mais a seu lado Não precisa perguntar por quê

G#m / C#7 / F# A#7/E# D#m D#m/C# G#7/B# / C#7 / F# / / / G#m  
 A mentira é fatal Creio que não é por mal Que a mulher nos faz descrever Mas

/ C#7 / F# A#7/E# D#m D#m/C# G#7/B# / C#7 / F# / / / G#m / C#7  
 se é realidade Sua grande falsi—dade Eu hei de ver você sofrer Eu cismado

/ F# A#7/E# D#m D#m/C# G#7/B# / C#7 / F# / / / G#m / C#7 / F#  
 espero agora Ver você a qualquer hora Dando a outro o coração Quan—do chegar esse dia

A#7/E# D#m D#m/C# G#7/B# / C#7 / F# C#/E# F#/E F#7 B / / /  
 Deixo sua compa—nhia Sem explicar por que razão Mulher eu ando

D#m // / E // / G#7/D# / G#7 / C#m / F#7 / G#7 /  
 cisma—do Que me enganei com você Se algum dia não ficar mais a seu lado Não  
 / / C#7 / F#7 / B /// / / / D#m // / E // / G#7/D#  
 precisa perguntar por quê Mulher, eu ando cisma—do Que me enganei com você  
 / G#7 / C#m / F#7 / G#7 / / / C#7 / F#7 / B //  
 Se algum dia não ficar mais a seu lado Não precisa perguntar por quê

intro

G#m D#m D#m/A# G#7/B# G#7 C#m C#m/G#

F#7/A# F#7 B voz B D#m

Mu - lher, eu an-do cis - ma - do

E G#7/D# G#7 C#m

Que me en - ga - nei com vo - cê Se al - gum di - a não fi -

F#7 G#7 C#7 F#7 B

car mais a seu la - do Não pre - ci - sa per - gun - tar por quê

1 2 B D#7/A# G#m C#7 F# A#7/E#

Mu- lher A men - ti - ra é fa - tal Crei - o  
 Eu cis - ma - do es - pe - ro a - go - ra Ver vo -

D#m D#m/C# G#7/B# C#7

que não é por mal Que a mu - lher nos faz des - crer  
 cê a qual - quer ho - ra Dan - do a ou - tro o co - ra - ção

F# G#m C#7 F# A#7/E#

Mas se é re - a - li - da - de Su - a  
 Quan - do che - gar es - se di - a Dei - xo

D#m D#m/C# G#7/B# C#7

gran - de fal - si - da - de Eu hei de ver vo - cé so - frer  
 su - a com - pa - nhi - a Sem ex - pli - car por que

1 F# 2 F# C#7/E# F#7/E# F#7

*Ao* *e Fim*

Mu-

Copyright by IRMÃOS VITALE S/A IND. E COM.  
 Rua Direita, 115 - Centro - São Paulo - Brasil. Todos os direitos reservados.  
 Copyright by MANGIONE, FILHOS E CIA LTDA.  
 Rua Ramalho Ortigão, 38/1º andar - Gr. 17 a 19 - Rio de Janeiro - Brasil. Todos os direitos reservados.

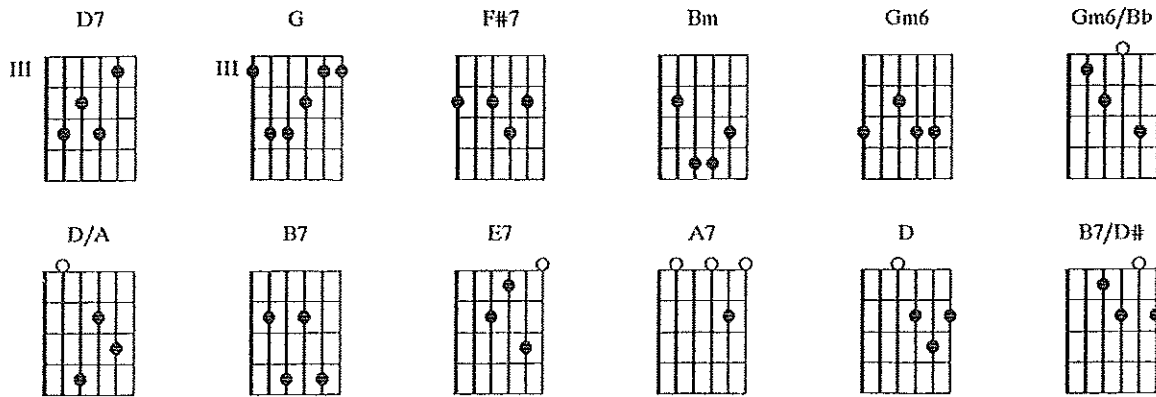


# A razão dá-se a quem tem

FRANCISCO ALVES, ISMAEL SILVA E NOEL ROSA

Admirável samba em que Noel Rosa, autor da segunda parte, usa os versos da primeira como uma versão de contracanto bem característica da época e da qual o cantor Luiz Barbosa fora o introdutor. Na verdade, Luiz improvisava frases para intercalar entre os versos escritos pelo compositor, motivo pelo qual é considerado o inventor do samba de breque (mais tarde, Moreira da Silva criou outro tipo de breque, parando a música para falar).

Primeira gravação lançada em fins de 1932, por Francisco Alves e Mário Reis, em discos Odeon.



Introdução: D7 / G / F#7 / Bm / Gm6 Gm6/Bb D/A B7 E7 A7 D / A7 / D

Se meu amor me deixar / Eu não posso me queixar / Vou sofrendo sem dizer nada a ninguém / A razão dá-se a quem tem / Se meu amor me deixar / Eu não posso me queixar / Vou sofrendo sem dizer nada a ninguém / A razão dá-se a quem tem / Sei que não posso suportar "Se meu amor me deixar" / Se de saudade eu chorar "Eu não posso me queixar" / Abandonado sem vintém "Vou sofrendo sem dizer nada a ninguém" / Quem muito riu, chora também "A razão dá-se a quem tem" / Eu vou chorar só em me lembrar "Se meu amor me deixar" / De sempre golpe de azar "Eu não posso me queixar" / Pra parecer que vivo bem "Vou sofrendo sem dizer nada a ninguém" / A esconder que amo alguém "A razão dá-se a quem tem"

D7 / G / F#7 / Bm / Gm6 Gm6/Bb D/A B7 E7 A7 D / A7 / D

A RAZÃO DÁ-SE A QUEM TEM

intro

D7 G7 F#7 Bm

Gm6 Gm6/Bb D/A B7 E7 A7 D A7

Fim

voz

D D B7/D# E7 A7 D

Se meu a-mor me dei - xar Eu não pos - so me quei - xar

B7 E7 A7

You so - fren - do sem di - zer na - da a nin - guém A ra -

D B7

zão dá-se a quem tem Sei que não pos - so su - por - tar  
Eu vou cho - rar só em lem - brar

E7 A7

(Se meu a - mor me dei - xar) Se de sau - da - de eu cho - rar  
(Se meu a - mor me dei - xar) Dei sem-pre gol - pe de a - zar

D B7

(Eu não pos - so me quei - xar) A - ban - do - na - do sem vin - têm  
(Eu não pos - so me quei - xar) Pra - pa - re - cer que vi - vo bem

E7

A7



( Vou so - fren - do sem di - zer na - da\_a nin - guém ) Quem mui - to  
 ( Vou so - fren - do sem di - zer na - da\_a nin - guém ) A es - con -

D



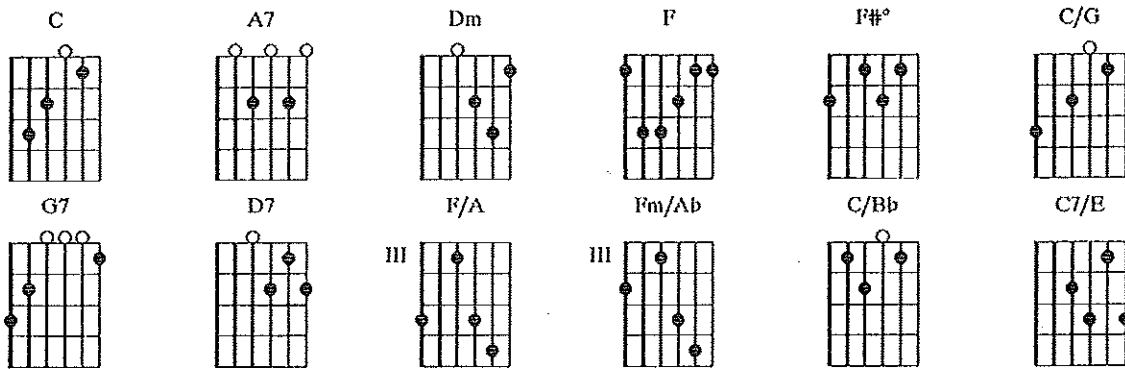
Ao   
 e Fim

riu, cho - ra tam - bém ( A ra - zão dá - se\_a quem tem )  
 der que a - mo\_al - guém ( A ra - zão dá - se\_a quem tem )

# Boa viagem

NOEL ROSA E ISMAEL SILVA

*Embora a letra deste samba pareça dirigida a um ex-amor, João Máximo e Carlos Didier revelam, em seu livro Noel Rosa, uma biografia, que, na verdade, Noel e Ismael Silva estavam se referindo a Francisco Alves, que tratava os dois compositores como empregados e ainda aparecia como autor dos sambas que eles faziam. João e Didier lembram até que, na mesma época, Noel compôs uma versão satírica do foxtrote Tell me tonight, que dizia: "Neste tempo medonho/Canto, tristonho/Ao microfone este prelúdio/O ouvinte risonho/Nem por um sonho/Sabe o que me traz ao estúdio/A ti que és irmão/Do tal Pão Duro/Meu recibo vai assombrar/De revólver na mão/Eu vim aqui... cobrar". A letra de Noel recebeu o título de "Paga-me esta noite" e o Pão Duro só poderia ser Francisco Alves, que gravara a versão de Orestes Barbosa para a mesma música, com o título de Diga-me esta noite. Primeira gravação lançada em janeiro de 1935, por Aurora Miranda, em discos Odeon.*



Introdução: C / / / A7 / / / Dm / F F#° C/G A7 Dm G7

C / A7 / D7 / / / G7 / / / C / / / / A7 / Dm /  
 Se não mandei você embora Enfim foi porque Me faltou a coragem Mas se você vai dar o fora

F/A Fm/Ab C/G A7 D7 G7 C A7 D7 G7 C / A7 / D7 / / / G7 / /  
 Então, passe bem Boa viagem! Se não mandei você embora Enfim foi porque Me faltou

/ C / / / / A7 / Dm / F/A Fm/Ab C/G A7 D7 G7 C / / A7  
 a coragem Mas se você vai dar o fora . Então, passe bem Boa viagem! O amor é como a

Dm / G7 / C / A7 / Dm / G7 / C/Bb / C7/E / F/A  
 chama Tem princípio, meio e fim Se você já não me ama Para que fingir assim? Não mandei você embora

/ Fm/Ab / C/G / A7 / D7 / G7 / C A7 D7 G7 C / A7 /  
 Porque sou benevolente Para que você agora Quer sair ocultamente Se não mandei você

D7 / / / G7 / / / C / / / / A7 / Dm / F/A Fm/Ab C/G A7  
 embora Enfim foi porque Me faltou a coragem Mas se você vai dar o fora Então, passe bem

D7 G7 C / / A7 Dm / G7 / C / A7 / Dm / G7  
 Boa viagem! Seu desejo não me assombra Ofereço o meu auxílio Passe bem, vá pela sombra Acabou-se o

/ C/Bb / C7/E / F/A / Fm/Ab / C/G / A7 / D7 / G7  
 nosso idílio Seu amor e o seu nome Eu também vou esquecer Desta vez juntou-se a fome Com a vontade

/ C  
 de comer!

C A7 Dm F F#°

intro

C/G A7 Dm G7 C voz A7 D7

Se não man - dei vo - cê em - bo - ra En -

G7 C

fim foi por - que Me fal - tou a co - ra - gem Mas se vo -

A7 Dm F/A Fm/A♭ C/G A7 D7 G7

cê vai dar o fo - ra En - tão pas - se bem Bo - a ví - a -

1 C A7 D7 G7 2 C C A7 Dm

gem! gem! O a - mor é co - mo a cha - ma Tem prin -  
Seu de - se - jo não me as - som - bra O - fe -

G7 C A7 Dm

cí - pio, mei - o\_e fim Se vo - cê já não me a - ma Pa - ra  
re - ço\_o meu au - xí - lio Pas - se bem, vá pe - la som - bra A - ca -

G7 C/♭ C7/E F/A

que fin - gir as - sim? Não man - dei vo - cê em - bo - ra Por - que  
bou - se\_o nos - so\_i - díf - lio Seu a - mor e o seu no - me Eu tam -

F m/A $\flat$

C/G

A7

D7



sou be - ne - vo - len - te Pa - ra que vo - cé a - go - ra Quer sa - ir  
 bém vou es - que - cer Des - ta vez jun - tou - se a fo - me Com a von - ta -

G7

C

A7

D7 G7



Ao  $\frac{8}{4}$   
 casa 2  
 e Fim

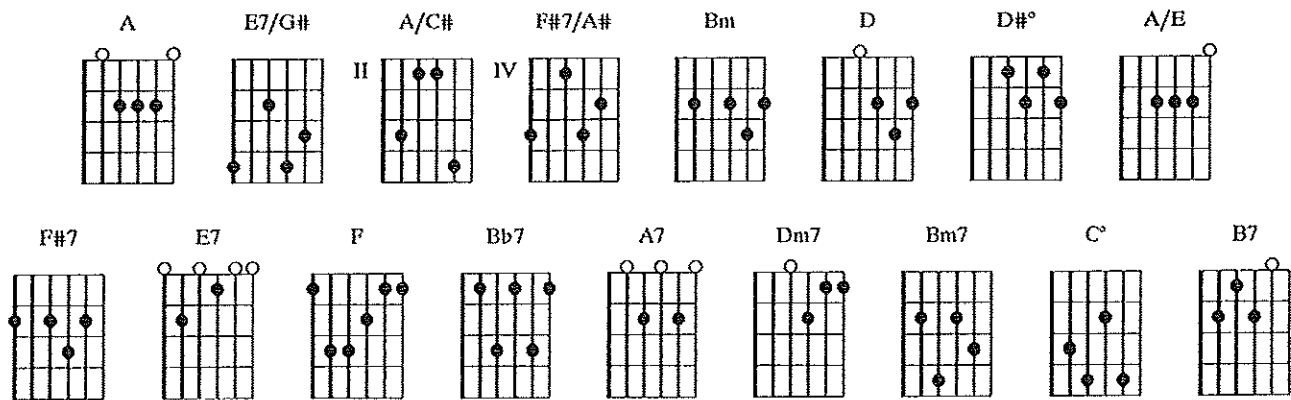
o - cul - ta - men - te?  
 de de co - mer

# Cabrocha do Rocha

NOEL ROSA E SÍLVIO CALDAS

*Este samba permaneceu tão desconhecido que nem Almirante o relacionou na "Musicografia e Discografia de Noel Rosa", publicada no seu livro No tempo de Noel Rosa. A existência da música foi revelada por Sílvio Caldas, na gravação de um disco em que contava histórias da música popular brasileira e cantava as músicas que iriam ilustrá-las. Acompanhado do regional de Canhoto, Sílvio contou com a presença de um pequeno público no estúdio, conferindo ao disco um clima de gravação ao vivo.*

*Primeira gravação lançada em setembro de 1973, com Sílvio Caldas, em discos CBS.*



A / / E7/G# A/C# F#7/A# Bm / D D#° A/E F#7 Bm  
 Eu tenho uma cabrocha que mora no Rocha e não relaxa Sei que ela joga no bicho Que dança maxixe  
 E7 A F Bb7 E7 A / / E7/G# A/C# F#7/A# Bm / D  
 Que dá muita bolacha Eu tenho uma cabrocha que mora no Rocha e não relaxa Sei que ela  
 D#° A/E F#7 Bm E7 A / D A7 D / Dm7  
 joga no bicho Que dança maxixe Que dá muita bolacha (E o Noel?) Tem um filho macho Com cara de tacho E  
 / A/C# / F#7/A# F#7 Bm7 C° A/C# F#7 B7 E7 A  
 além disso é coxo Ele me faz de capacho Qualquer dia eu racho Esse carneiro mo—cho

CABROCHA DO ROCHA

A A E7/G# A/C# F#7/A#

Eu te - nho u - ma ca - bro - cha que mo - ra no Ro - cha e não re - la -

Bm D D#° A/E F#7 Bm E7

xa Sei que e - la jo - ga no bi - cho Que dan - ça ma - xi - xe Que dá mui - ta bo - la -

1 A F Bb7 E7 2 A D A7 D

cha - cha Tem um fi - lho ma - cho Com ca - ra de ta -

Dm7 A/C# F#7/A# F#7

cho E a - lém dis - so é co - xo E le me faz de ca - pa -

Bm7 C° A/C# F#7 B7 E7 A

cho e qual - quer di - a eu ra - cho es - se car - nei - ro mo - cho

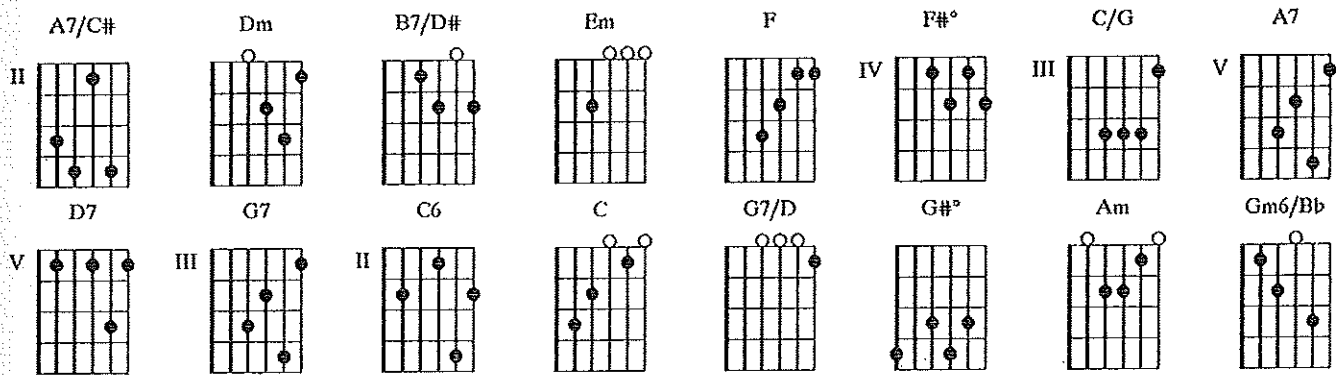


# Capricho de rapaz solteiro

NOEL ROSA

Quando Noel Rosa fez este samba, ainda não havia o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda — o DIP do Estado Novo —, que passou a pressionar os compositores populares, a fim de que não exaltassem mais a malandragem em suas músicas, mas o trabalho. A pressão foi tão forte que Wilson Baptista, o compositor que polemizou com Noel Rosa porque este achava que o colega exagerou na apologia ao malandro, acabou fazendo um samba em que começava com a afirmação de que “quem trabalha é que tem razão”. Em Capricho de rapaz solteiro, Noel radicaliza na incompatibilidade entre a malandragem e o trabalho.

Primeira gravação lançada em maio de 1933, por Mário Reis, em discos Odeon.



Introdução: A7/C# / Dm / B7/D# / Em / F F#° C/G A7 D7 G7 C6

/ Dm A7 Dm / G7 C / // / / / A7/C# G7/D / G7  
 Nunca mais esta mulher Me vê trabalhando! Quem vive sambando Leva a vida para o la—do que quer

/ F / F#° / / / C/G G#° Am / D7 / G7 / C / Dm A7  
 De fome não se morre Neste Rio de Janeiro Ser malandro é um capricho De rapaz solteiro Nunca mais esta

Dm / G7 C / // / / / A7/C# G7/D / G7 / F /  
 mulher Me vê trabalhando! Quem vive sambando Leva a vida para o la—do que quer De fome não se

F#° / / / C/G G#° Am / D7 / G7 / C / / / / Gm6/Bb  
 morre Neste Rio de Janeiro Ser malandro é um capricho De rapaz solteiro A mulher é um achado Que nos

A7 / Dm / F F#° C/G A7 D7 G7 C / / / / Gm6/Bb A7  
 perde e nos atrasa Não há malandro casado Pois malandro não se casa Com a bossa que eu tiver Orgu—lhoso

/ Dm / F F#° C/G / A7/C# / Dm / G7 / C6 / Dm A7  
 vou gritando: “Nunca mais esta mulher Nunca mais esta mulher Me vê trabalhando!” Nunca mais esta

Dm / G7 C / // / / / A7/C# G7/D / G7 / F /  
 mulher Me vê trabalhando! Quem vive sambando Leva a vida para o la—do que quer De fome não se

F#° / / / C/G G#° Am / D7 / G7 / C / / / / Gm6/Bb A7  
 morre Neste Rio de Janeiro Ser malandro é um capricho De rapaz solteiro Antes de descer ao fundo Pergun—tei

/ Dm / F F#° C/G A7 D7 G7 C / / / / Gm6/Bb A7  
 ao escafandro Se o mar é mais profundo Que as idéias do malandro Vou, enquanto eu puder, Meu capricho

/ Dm / F F#° C/G / A7/C# / Dm / G7 / C6  
 sustentando Nunca mais esta mulher Nunca mais esta mulher Me vê trabalhando!

CAPRICO DE RAPAZ SOLTEIRO

intro A 7/C# Dm B 7/D# Em

F F#° C/G A 7 D7 G7 C6 voz

Nun - ca

Dm A 7 Dm G7 C

mais es - ta mu - lher Me vê tra - ba - lhan - do! Quem

C A 7/C# G 7/D G 7

vi - ve sam - ban - do Le - va\_a vi - da pa - ra\_o la - do que quer De

F F#° C/G G#°

fo - me não se mor - re Nes - te Ri - o de Ja - nei - ro Ser ma -

Am D7 G7 1 C

lan - dro\_é um ca - pri - cho De ra - paz sol - tei - ro Nun - ca -

2 C C C Gm6/Bb

A mu - lher é um a - cha - do Que nos  
 -bos - sa que eu ti - ver Or - gu -  
 An - tes de des - cer ao fun - do Per - gun -  
 quan - to eu pu - der, Meu ca -

A7 Dm F F#° 1 C/G A7 D7 G7

perde e nos a - tra - sa Não há ma - lan - dro ca - sa - do Pois ma - lan - dro não se ca -  
 llo - so vou gri - tan - do "Nun - ca mais es - ta mu - lher...  
 tei ao es - ca - fan - dro Se o mar é mais pro - fun - do Que as i - déi - as do ma - lan -  
 pri - cho sus - ten - tan - do Nun - ca mais es - ta mu - lher

C 2 C/G A7/C# Dm G7

sa Com a Nun - ca mais es - ta mu - lher Me vê tra - ba - lhan -  
 dro Vou, en -

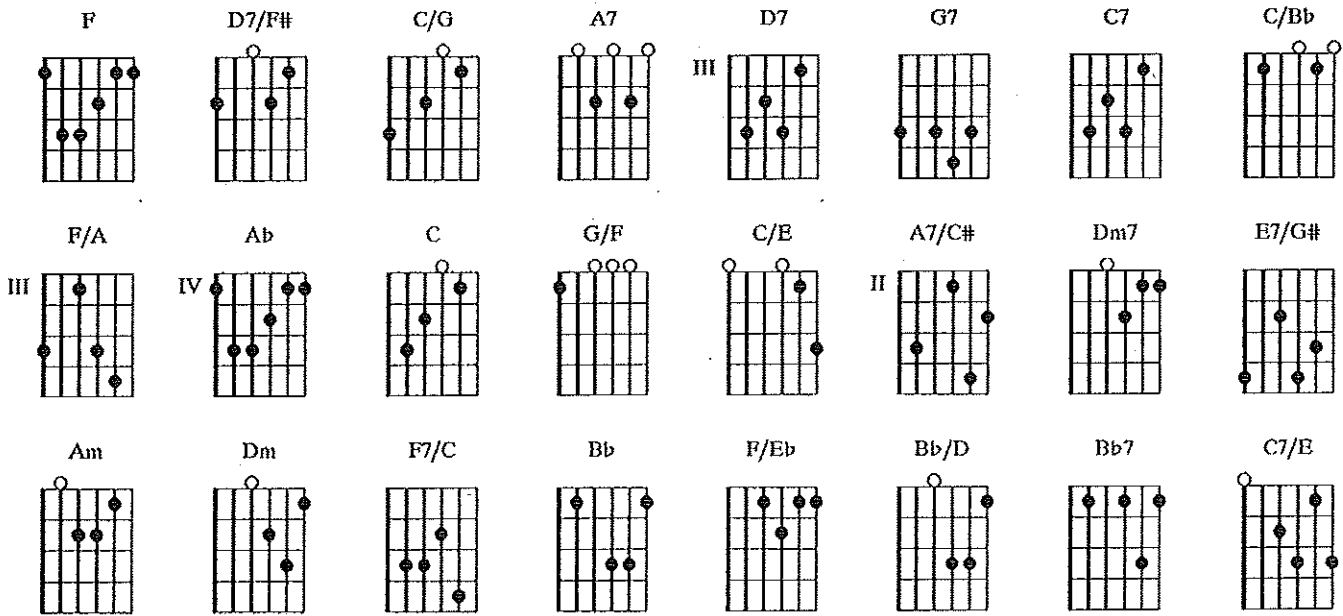
C6 Ao 2/4 casa 2 e Fim

Fim  
 do! Nun - ca

# Conversa de botequim

VADICO E NOEL ROSA

Uma das músicas de Noel Rosa com maior número de gravações, é tida como uma das obras-primas do compositor. Realmente, a boemia carioca poucas vezes foi contemplada com uma crônica tão exata. Curioso, na letra de Noel, é a referência ao futebol, um tema que, aparentemente, jamais empolgou o compositor. Tanto que nenhum dos pesquisadores de sua biografia conseguiu descobrir qual era o seu clube do coração. Provavelmente, ele não tinha qualquer preferência. Certa vez, respondendo a um repórter, revelou que torcia pelo time em que atuava Fausto, o clássico center-half que jogou no Vasco e no Flamengo e que morreria jovem, tuberculoso. Primeira gravação lançada em setembro de 1935, por Noel Rosa, em discos Odeon.



Introdução: F D7/F# C/G A7 D7 G7 C7 C/Bb F/A Ab C/G A7 D7 G7 C

C D7/F# G/F C/E A7/C# Dm7 G7 C7 C/Bb  
 Seu garçom faça o favor De me trazer depressa uma boa média que não seja requentada Um pão  
 F/A E7/G# Am / D7/F# / G7 / D7/F#  
 quente com manteiga à beça, Um guardanapo E um copo d'água bem gelada Fecha a porta da direita  
 G/F C/E A7/C# D7 G7 C7 C/Bb F/A Ab C/G  
 com muito cuidado Que não estou disposto A ficar exposto ao sol Vá perguntar ao seu freguês do lado  
 A7 D7 G7 C C/Bb F/A A7/C# Dm F7/C Bb /  
 Qual foi o resultado do futebol Se você ficar limpando a mesa Não me levanto nem pago a  
 A7 / D7 / G7 / / / / C7 C/Bb F/A A7/C#  
 despesa Vá pedir ao seu patrão Uma caneta, um tinteiro, um envelope e um cartão Não se esqueça de  
 Dm F/Eb Bb/D Bb7 A7 / D7 / G7 /  
 me dar palitos E um cigarro pra espantar mosquitos Vá dizer ao charuteiro Que me empreste umas

C7 C7/E F / D7/F# G/F C/E A7/C# Dm7  
 revistas, um isqueiro e um cinzeiro Seu garçom, faça o favor De me trazer depressa uma boa média que

G7 C7 C/Bb F/A E7/G# Am / D7/F# /  
 não seja requentada Um pão quente com manteiga à beça, Um guardanapo E um copo d'água

G7 / D7/F# G/F C/E A7/C# D7 G7 C7 C/Bb  
 bem gelada Fecha a porta da direita com muito cuidado Que não estou disposto A ficar exposto ao sol

F/A Ab C/G A7 D7 G7 C C/Bb F/A A7/C# Dm F7/C  
 Vá perguntar ao seu freguês do lado Qual foi o resultado do futebol Telefone ao menos uma vez

Bb / A7 / D7 / G7 / /  
 Para Três Quatro Quatro Três Três Três E ordene ao seu Osório Que me mande um guarda-chuva Aqui pro

/ C7 C/Bb F/A A7/C# Dm F/Eb Bb/D Bb7 A7 /  
 nosso escritório Seu garçom me empresta algum dinheiro Que eu deixei o meu com o bicheiro,

D7 / G7 / C7 C7/E F / D7/F#  
 Vá dizer ao seu gerente Que pendure esta despesa No cabide ali em frente Seu garçom faça o favor De me

G/F C/E A7/C# Dm7 G7 C7 C/Bb F/A E7/G# Am  
 trazer depressa uma boa média que não seja requentada Um pão quente com manteiga à beça, Um

/ D7/F# / G7 / D7/F# G/F C/E A7/C#  
 guardanapo E um copo d'água bem gelada Fecha a porta da direita com muito cuidado Que não

D7 G7 C7 C/Bb F/A Ab C/G A7 D7 G7 C  
 estou disposto A ficar exposto ao sol Vá perguntar ao seu freguês do lado Qual foi o resultado do futebol

CONVERSA DE BOTEQUIM

*intro* F D7/F# C/G A7 D7 G7

C7 C/Bb F/A Ab C/G A7 D7 G7

C voz D7/F# G/F C/E A7/C#

Seu gar - çom, fa - ça\_o fa - vor De me tra - zer de - pres - sa U - ma bo - a

Dm7 G7 C7 C/Bb F/A E7/G#

mê - dia que não se - ja re - quen - ta - da Um pão bem quen - te com man - tei - ga\_à be -

Am D7/F# G7

ça\_ Um guar - da - na - po E\_ um co - po d'á - gua bem ge - la - da Fe - cha\_a por - ta da di -

D7/F# G/F C/E A7/C# D7 G7

rei - ta com mui - to cui - da - do Que não es - tou dis - pos - to A fi - car ex - pos -

C7 C/Bb F/A Ab C/G A7

to\_ ao sol Vá per - gun - tar ao seu fre - guês do la - do Qual foi o re - sul -

D7 G7 C C/B $\flat$  F/A A7/C $\sharp$

ta - do do fu - te - bol

Se vo - cê fi - car lim - pan - do\_a  
Te - le - fo - ne\_ao me - nos u - ma

Dm F7/C B $\flat$  A7

me - sa Não me le - van - to nem pa - go\_a des - pe - sa Vá pe -  
vez Pa - ra três qua - tro qua - tro três três três E or -

D7 G7

dir ao seu pa - trão U - ma ca - ne - ta, um tin - tei-ro, um en - ve - lo - pe e  
de\_ne\_ao seu O - só - rio Que me man - de\_um guar - da - chu - va\_A - qui pro nos - so es -

C7 C/B $\flat$  F/A A7/C $\sharp$  Dm F/E $\flat$

um car - tão Não se\_es - que - ça de me dar pa - li - tos E um ci -  
cri - tó - rio Seu gar - çom me\_em - pres - ta\_al - gum di - nhei - ro Que eu dei -

B $\flat$ /D B $\flat$ 7 A7 D7

gar - ro pra\_es - pan - tar mos - qui - tos Vá di - zer ao cha - ru - tei -  
xei o meu com o bi - chei - ro Vá di - zer ao seu ge - ren -

G7 C7 C7/E F

ro Que me empres - te\_u - mas re - vis - tas, um is - quei - ro\_e um cin - ze - ro Seu gar - çom, fa - ça\_o fa -  
te Que pen - du - re\_es - sa des - pe - sa No ca - bi - de\_a - li em fren - te

Ao  $\otimes$   
2 vezes  
e Fim